

## AGENDA SUSTENTÁVEL

### INFORME SETORIAL

#### Pequenas empresas também adotam agenda sustentável

##### O Estado de S. Paulo.

Muito se tem falado sobre boas práticas ambientais, sociais e de governança corporativa, agregadas na sigla em inglês ESG. Mas as ações estão longe de ser algo novo e exclusivo das grandes companhias. Micro, pequenas e médias empresas podem e devem se inserir no movimento se vislumbram crescimento, notoriedade e impacto.

Juliana Bernardo, advogada e consultora em ESG, explica que grandes empresas listadas em Bolsas de Valores têm demanda mais forte por esses princípios, pois eles influenciam nos investimentos. Aos empreendimentos de menor porte, soluções simples como evitar o desperdício de materiais já contam a favor.

Na Mostarda, agência de criação de eventos, o uso de copos descartáveis foi abolido há seis anos em projetos autorais. Essa e outras medidas passaram a ser propostas aos clientes, o que tem servido de referência para a empresa carioca ser procurada para novos trabalhos. “É possível as coisas caminharem lado a lado, não é a parte comercial em detrimento do social e da sustentabilidade”, diz o sócio Caio Barreto.

Tendo clientes como Grupo Globo e Ipiranga, ele entende que o ESG fará cada vez mais parte dos pequenos negócios que atendem grandes organizações, porque

elas já estão preocupadas com o tema e querem fornecedores alinhados à pauta.

Juliana aponta alguns benefícios de adotar práticas que se alinham com a agenda sustentável. “As pessoas não compram só o produto, mas a ideia. Com essas mudanças, a reputação da empresa começa a melhorar, agrega valor.”

Para os pequenos negócios que buscam investimento ou passam por aceleração, essas ações têm mais relevância. “Uma gestora de ativos não coloca só dinheiro na empresa, ela faz análise de governança. Um investidor-anjo, sabendo que existe mudança no mercado de capitais, vai olhar para esse aspecto do ESG”, diz.

Rodrigo Cabernite, CEO da GYRA+, sabe disso. A fintech capta dinheiro no mercado de capitais por meio da emissão de títulos para, depois, oferecê-lo como crédito a pequenas e médias empresas. Das cinco mil beneficiadas, 94,8% têm até dez funcionários, 39,1% são lideradas por mulheres e 14,8% por pessoas negras, o que foi avaliado por uma organização independente como um trabalho de impacto social.

O parecer da Sitawi Finanças do Bem, contratada para fazer a averiguação, contribui para destacar a startup no mercado, que recebeu a avaliação em outubro de 2020. “Com isso, a gente consegue acessar investidores que se preocupam também com ESG”, diz Cabernite. “Do outro lado, trabalhamos com base em dados e conseguimos medir com precisão o que as empresas estão fazendo com o dinheiro.” O empresário diz que também orienta pequenas empresas sobre práticas de ESG e acredita que, no mercado de capitais, a tendência é a pauta avançar. “Daqui a uns anos, só vai conseguir captar a empresa que declarar o que vai fazer com o recurso e se vai ter impacto positivo.”

Caio Barreto diz que o principal desafio na hora de se alinhar à pauta ESG é a gestão do tempo. “Há muitas questões a serem resolvidas, burocráticas, mas quando

se vira a chave de que o tempo que se está investindo é bom para o negócio, isso muda.”

Para Gabriela Ferolla, diretora executiva da Seall, startup que auxilia empresas na gestão de impacto socioambiental e econômico, a barreira está em materializar os indicadores. “O desafio é entender o que é relevante para a organização e os stakeholders, quais indicadores selecionar a partir dos protocolos de mercado que a empresa quer atender.”

Juliana Bernardo também fala da importância de se ter parâmetros de ESG como guias. “Como os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, com metas atreladas. Tem também o ISE, da B3, com aspectos que uma pequena empresa pode não se adequar, mas é um caminho”, diz.

Caso o empreendedor perceba inviabilidade para adotar alguma ação, vale estruturar as iniciativas e divulgar no site ou nas redes. Caio Barreto faz isso na Mostarda e entende que não se trata de simples autopromoção, mas uma forma de inspirar pessoas e empresas.

A agência diz seguir os Women’s Empowerment Principles e a Coalizão Empresarial para Equidade Racial e de Gênero do Instituto Ethos, prezando por equidade salarial e equipe majoritariamente feminina. Além disso, parcerias com ONGS ajudam a contratar pessoas com deficiência e a calcular a pegada de carbono de eventos, a ser compensada com o plantio de árvores.

## **Núcleo de Inteligência – Sedet**

### **Edição 334 - Em 04 de janeiro de 2022**

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.